

DIRETORES

Antônio Carlos Coutinho Nogueira
José Bonifácio Coutinho Nogueira Filho

CONSELHO EDITORIAL

Antônio Carlos Coutinho Nogueira,
Ciro Porto, Ivan Szazima,
José Bonifácio Coutinho Nogueira Filho,
Liana John, Paulo Nogueira-Neto,
Sérgio Salvati, Suzana Machado Pádua

DIRETOR EDITORIAL

Ciro Porto

EDITORES EXECUTIVOS

Liana John
Valdemar Stinelli

EDITORES

Luiz Figueiredo
Maralisa Ribeiro

DIRETOR DE ARTE

Matheus Jeremias Fortunato

ARTE E PRODUÇÃO GRÁFICA

Matheus Jeremias Fortunato
Renato Munhoz

FOTOGRAFIA

Adriano Gambarini, Aguiinaldo Matos,
André Pessoa, Carlos Alberto Coutinho,
Fábio Colombini, Haroldo Palo Jr,
João Prudente, Luiz Claudio Marigo

COLABORADORES DESTA EDIÇÃO

Claudio Langone, Daniela Mattiaso,
Geiser Trivelato, Gustavo Junqueira,
Henrique Picarelli,
João Garcia, Rosane Carneiro

JORNALISTA RESPONSÁVEL

Ciro Porto (Mtb 20.414)

ADMINISTRAÇÃO E PUBLICIDADE

DIRETOR

Antônio Wellington da Costa Lopes

GESTÃO COMERCIAL E CIRCULAÇÃO

Regiane Eliza Bigon

DISTRIBUIDOR EXCLUSIVO NO BRASIL

Fernando Chinaglia

IMPRESSÃO

Globo Cochrane

CAPA

Luiz Claudio Marigo
Espécie retratada:
Borboleta (*Myscelia oris*)

PARA ANUNCIAR

São Paulo: (11) 5083.2513 ou 9983.8883

Minas Gerais e Espírito Santo:

(31) 3342.3962 ou 9131.8495

Rio de Janeiro e Amazonas:

(21) 2553.0737 ou 9962.0913

Brasília: (61) 3321.9100 ou 9655.1684

Rio Grande do Sul:

(51) 3086.7712 ou 9113.6199

Paraná: (41) 9901.1611

Santa Catarina: (48) 9121.4784

E-mail: regiane@terradagente.com.br



A revista Terra da Gente
é uma publicação
mensal da Empresa
Regional de Comércio
Eletrônico Ltda,
uma empresa do
Grupo EPTV

DEDO DE PROSA

LIANA JOHN



O X da questão é a frequência

As imagens dos rios amazônicos transformados em dunas de areia e a repetição, à exaustão, da frase "a pior das últimas três décadas" dão à seca deste ano um certo caráter de exceção. Ao menos na mídia. Para a Bacia do Solimões, de fato, a vazão das águas foi a menor dos últimos 35 anos, chegando a 12 mil metros por segundo, quando o normal seria 25 mil m³/s, medidos em Iquitos, no Peru. Dito assim, sem outros termos de comparação, parece que a região vinha dentro da média durante todos esses anos e, de repente, essa última vazante fugiu à regra. Só que não é bem assim.

Em primeiro lugar, variações nos padrões de secas e enchentes, sobretudo num rio de planície, como o Amazonas, são comuns. Pelo menos uma vez a cada dez anos ocorre uma seca mais drástica. E os efeitos de uma seca dessas num rio de planície são muito evidentes, pois as águas rasas das várzeas e muitos lagos marginais desaparecem. É preciso lembrar que 1995 era o ano que mantinha o recorde de seca anterior e, há 10 anos, no mesmo porto de Iquitos, a vazão ficou em torno de 12.010 m³/s.

Mas cabe também ressaltar que, dois anos antes, em 1993, a floresta secou tanto na região de Santarém (PA), no baixo rio Amazonas, que ocorreram incêndios florestais onde a mata nunca queimou. Frentes de fogo de até três quilômetros de extensão invadiram a floresta, naquele ano, ao invés de se extinguirem sozinhas no perímetro das roças, onde as queimadas servem para limpar a área de plantio. E não se pode esquecer, ainda, que 1998 também foi um ano de seca pronunciada, mas um pouco mais ao Norte: de janeiro a março, Roraima assistiu ao pior incêndio de sua história recente porque a vegetação originalmente úmida estava seca demais e o fogo agrícola fugiu ao controle.

Em resumo, embora essa seja, de fato, a pior seca dos últimos 35 anos, na Bacia do Solimões, ao olharmos para a década passada, e para toda a região amazônica, verificamos que aquele ciclo de secas mais drásticas

a cada dez anos, na verdade, está mais curto. E isso sim, é um alerta ambiental, piscando nas estatísticas climáticas.

Numa conversa com a imprensa paulista, Sir David King, assessor científico do primeiro ministro britânico, Tony Blair, reiterou a importância de se olhar para a frequência dos eventos climáticos considerados como exceção, para melhor se preparar para os desastres naturais associados às mudanças climáticas. Segundo ele, em Londres, há um sistema de contenção de enchentes no baixo rio Tâmisa, construído há cerca de 70 anos, para evitar o refluxo dos esgotos. Esse sistema entrava em funcionamento, em média, uma vez a cada 3 anos. Era, portanto, um sistema para conter cheias de exceção. O problema é que, hoje, o sistema passou a funcionar entre 6 e 7 vezes ao ano, evidenciando a transformação da exceção em regra.

E o que a seca na Amazônia tem a ver com as enchentes do Tâmisa? Nada e tudo. Os dois fenômenos não estão diretamente relacionados. As águas que faltam no Amazonas não correram para o Tâmisa. Mas ambos são fenômenos que estão se tornando mais frequentes do que deveriam. E isso está acontecendo devido às atividades humanas. Portanto, é hora de olhar para essa frequência e discutir planos de emergência contra desastres, já que eles devem se tornar mais e mais comuns, à medida em que saturamos a atmosfera com nossos gases de carbono. Tais planos de emergência não eliminam, naturalmente, a necessidade de modificar as atividades das quais as mudanças climáticas decorrem. Visam, antes, minimizar os efeitos negativos dos desastres anunciados, a perda de vidas humanas, a perda de biodiversidade, e o empobrecimento de regiões inteiras.

Que as chuvas de novembro recubram os bancos de areia expostos na Bacia do Solimões sem apagar a urgência de providências consequentes em defesa da Vida!